



Centro Acadêmico
Lara Lavelberg

BOCA

Boletim do Centro Acadêmico

Número 6

22 de abril de 2004

**entre
vista:**

Maria Helena Patto

Realizada por Guilherme (98)

O BOCA, na tentativa de iniciar uma tradição de entrevistas, conversou com a nova diretora do Instituto de Psicologia, Profa. Dra. Maria Helena Souza Patto. A entrevista procurou saber de seus planos para a gestão e de seus pontos de vista sobre alguns temas.

BOCA – Como você enxerga o atual momento do Instituto de Psicologia?

Patto – Eu não sei o que você entende por atual momento. Vamos conversar sobre isto. Você diz “atual momento” do Instituto no conjunto da Universidade, “atual momento” porque temos um novo currículo, “atual momento” porque temos um novo diretor... Não entendi qual é o espírito da sua pergunta.

B – Tudo isto junto. O Instituto de Psicologia no contexto da Universidade e as questões internas dele que estão em pauta atualmente.

P – Está bem. Como eu já disse em algumas oportunidades, eu não sou uma pessoa que se caracteriza por um otimismo exagerado, mas também não sou uma pessimista contumaz. Eu procuro ver na medida do possível o que existe de positivo e de negativo em cada uma das situações em que me encontro. Tendo em vista que estou no Instituto há muitos anos, vejo que nos últimos tempos ele está passando por algumas mudanças. Mudanças que considero significativas; são mais que mudanças superficiais. O que me chama atenção é o fato de o Instituto estar de alguma maneira ganhando visibilidade no conjunto da Universidade de São Paulo. O Instituto sempre foi uma instituição pouco expressiva, por muitos anos. Até por conta, eu acho, da política desenvolvida pelos primeiros diretores, que era uma política que, e essa é uma opinião pessoal minha, de agradar a Reitoria. Uma política que visava não dar problemas, não fazer reivindicações, assumir uma postura passiva em relação às determinações dos órgãos superiores.

E eu vejo que nos últimos tempos, e quero com isso reconhecer méritos na gestão do César Ades, procurou-se dar maior visibilidade ao Instituto, fazendo com que ele marcasse maior presença nos órgãos superiores, usasse mais o seu direito a voz e o seu direito a voto. Então, neste sentido, eu sou otimista. Acho que foram abertos alguns canais, alguns caminhos importantes para que o Instituto seja visível, e ao ser visível poder fazer reivindicações que fortaleçam a unidade, desde o ponto de vista financeiro até a participação mais ativa nos órgãos colegiados superiores. Do ponto de vista financeiro, por exemplo, eu acho que o Instituto ainda tem uma dotação orçamentária reduzida, que deve ser de alguma maneira modificada. Mas eu vejo o Instituto, depois de alguns anos de uma certa letargia, começando novamente a se movimentar. Na direção de uma reestruturação curricular, na direção de uma presença maior no conjunto da Universidade. Acho que temos atualmente chefes de departamento também com uma postura muito mais ativa e muito mais transformadora do que tivemos em outros momentos. Então de maneira geral eu vejo isto: existe um potencial de energia nova que precisa ser canalizado para que o Instituto, digamos assim, se revitalize. Ele está no caminho de uma revitalização. E revitalização para mim é por a instituição em movimento, fazer circular a palavra e integrar os segmentos que a compõem, para que eles pensem e trabalhem juntos, apesar das diferenças que os marcam.

“pretendo fazer uma gestão que conte com uma participação ativa de todos os integrantes do Instituto”

B – O que você pretende fazer na sua gestão como diretora?

P – Relacionando esta resposta com o que eu disse anteriormente, eu pretendo fazer uma gestão que conte com uma participação ativa de todos os integrantes do Instituto. Portanto promover fóruns de debate; procurar levar sempre para o Co (Conselho Universitário) posições do Instituto que sejam posições tiradas de debates mais amplos, que não fiquem só no plano do corpo docente. E com isto vou ter que lidar com prazos. Por exemplo esta questão das fundações: vai haver um Conselho Universitário no dia 05/05 que vai discutir esta questão e as unidades terão que levar suas posições. Nós estamos muito atrasados em relação a isto. Quer dizer, o Instituto não tem mecanismos de debate de tal forma que as coisas aconteçam em um tempo ótimo. Estamos sempre um pouco atrasados. Esta letargia a que me referi ainda está presente e faz com que não se tomem iniciativas de debates e de discussões que permitam que no momento certo estejamos com posições maduras. Ainda noto isto. Então pretendo sim tentar fazer com que isto se aprimore, que nós tenhamos estes espaços de debate em tempo hábil, para que possamos levar nossas posições.

Trabalhar muito junto dos funcionários, e já estou fazendo isto. Aliás, é impossível ser diretor sem trabalhar muito próximo dos funcionários, porque eles dominam um conhecimento da máquina administrativa que o diretor não domina. Mas também estou atenta à situação funcional dos funcionários. Existe uma comissão interna de recursos humanos que está fazendo um belo trabalho de avaliação da situação de cada funcionário, para corrigir desvios de função, para que eles sejam reconhecidos nas funções que de fato realizam. Isto tudo em benefício dos funcionários, da carreira deles.

Pretendo sim trabalhar muito

próximo dos alunos. Acho que os alunos são um segmento da instituição da maior importância. Até porque eles têm uma visão de conjunto do curso que ninguém mais tem. Se alguém tem condições de dizer alguma coisa sobre como o curso funciona, como ele poderia ser aprimorado e melhorado, são os alunos. Embora eu diga que os alunos têm uma limitação que é o fato de serem efêmeros. Os alunos vêm e vão, os professores e funcionários ficam. É por isso mesmo que acho que todos os segmentos têm o que dizer, e têm a dizer coisas diferentes, que devem ser complementares, na formação de um quadro dos problemas, das grandezas e das misérias da instituição. E neste sentido pretendo criar até mesmo espaços que congreguem estes segmentos, e das mais variadas maneiras. Momentos de reflexão sobre os problemas da instituição. Momentos de confraternização, porque a confraternização cria um "nós" que é necessário para que uma instituição tenha vida e se movimente. Atualmente não existe este "nós", ou existe de uma forma muito incipiente. E precisamos dar continuidade à formação desta identidade nos vários segmentos que compõem o Instituto.

B – Qual é sua opinião sobre a estrutura de poder na USP e o modo de escolha dos diretores e do reitor?

P – Eu peguei a transição, como aluna, da estrutura antiga da USP baseada no sistema de cátedras, para a reforma que foi feita em 1968 e passou a vigorar a partir de 1970. Neste sentido, acho que houve mudanças para melhor. A simples extinção das cátedras foi uma medida democratizante, na medida em que os catedráticos tinham grande poder e as cátedras eram verdadeiros feudos governados ao bel-prazer dos catedráticos. Só para você ter uma idéia, não havia concursos para admissão de docentes. Eles eram escolhidos pelos catedráticos a partir de critérios absolutamente subjetivos. Com a reforma universitária isto acabou. Acho que houve sim uma flexibilização da estrutura, houve sim uma democratização maior da estrutura da USP, mas permaneceram aquilo que chamamos de alguns ranços da estrutura anterior. Acho que a estrutura da USP ainda é hierárquica, muito hierárquica, principalmente naquilo que diz respeito à participação equitativa dos três segmentos que compõem a Universidade: alunos, funcionários e docentes. Alunos e funcionários ainda têm uma participação que é considerada menor, menos importante. Você pode ver isto em todos os órgãos colegiados; a representação é sempre muito menor que a de docentes. E acho que a estrutura da USP atual é um reflexo da estrutura social brasileira mais ampla. Acho que quando passamos da estrutura anterior para a estrutura atual foi mais ou menos o que aconteceu quando passamos do regime monárquico para o regime

republicano. O regime republicano brasileiro nasce com muitos dos defeitos e muitas das características do regime monárquico. Os potentados rurais, por exemplo, continuam existindo. Neste sentido ainda há muito a fazer para fazer com que a Universidade de São Paulo seja um nicho de democracia. A Universidade de São Paulo sempre teve um duplo papel, me parece. Ela sempre se dispôs a ser um centro de produção de conhecimento científico e tecnológico, e acho isto importante. Mas ela sempre se propôs também, através de segmentos significativos de seus docentes, funcionários e alunos, a ser uma instância vigilante, crítica e atenta da sociedade brasileira à vigência de uma ordem social justa, democrática e mais igual. Portanto a USP sempre desempenhou um papel importante no quadro político brasileiro, nos momentos mais cruciais da história política do Brasil, desde que ela foi fundada. Por exemplo, toda a luta em defesa da escola pública, liderada por Florestan Fernandes, na passagem da década de 50 para a década de 60. O movimento contra a ditadura, o movimento pela abertura política, pela volta do Estado de Direito e das eleições diretas. Enfim, a USP tem desempenhado este papel. E a gente não pode deixar que esta atuação social da USP arrefeça ou desapareça, em nome de um modelo empresarial de gestão, que é um dos perigos que nos ronda. Temo que esta coisa da qualidade total e da produtividade, seja em detrimento desta função política fundamental que a USP sempre desempenhou e tem que continuar a desempenhar.

"O Instituto está de alguma maneira ganhando visibilidade no conjunto da USP"

B – Como deve ser sua atuação no Conselho Universitário?

P – A minha atuação no Conselho Universitário não será a da Maria Helena Patto docente do Instituto de Psicologia. Eu serei lá diretora do Instituto, portanto representante de uma unidade. Eu não posso ir lá defender as minhas idéias simplesmente. É claro que existe um limite para isto, não vou lá defender idéias com as quais eu não concordo, porque indefensáveis. Não vou defender o indefensável só porque sou diretora. Mas penso que tenho por obrigação, por dever do meu cargo, levar as posições do Instituto. E por isso mesmo acho que têm que ser posições debatidas no interior da unidade para que sejam representativas. Por exemplo, esta questão das fundações. Vamos supor que certo segmento do Instituto se manifeste favoravelmente a existência de fundações dentro da Universidade. Eu tenho que levar isto como posição de um

segmento, mas eu tenho que levar também a posição de outro segmento, quando não houver possibilidade de conciliação das posições. Então tenho que chegar lá e dizer: o segmento x chegou a esta posição, o segmento y a esta posição e o segmento z a esta posição. Eu pretendo ser porta-voz das posições do Instituto como um todo, e quando não for possível uma posição única, levar as posições dos vários segmentos. Acho que é a única forma que tenho de ser representante do Instituto, e não de um determinado segmento do Instituto.

B – Como deve ser sua relação com os alunos, o Centro Acadêmico e os representantes discentes?

P – Pretendo que seja a mais democrática possível e pretendo que ela seja de real apoio às reivindicações dos alunos. Sempre fui muito simpática aos movimentos dos alunos e ao movimento estudantil como um todo. Pretendo fazer reuniões periódicas com os representantes de alunos, com a diretoria do Centro Acadêmico, e estar sempre a par do que os alunos estão reivindicando e avaliando com eles como eu, neste lugar que estou ocupando no momento, posso colaborar, como posso ajudar para que as coisas fluam e sejam conquistadas. O trabalho vai ser, assim como o trabalho com os funcionários e com os docentes, muito próximo, com eles, e não por eles ou para eles. Trabalhar com é uma atitude que me parece a mais adequada quando se ocupa um cargo de direção ou de coordenação do que quer que seja.

B – Você pretende trazer para o Instituto discussões dos conselhos Federal e Regional de Psicologia, tais como Banco Social de Psicologia e o registro de especialistas?

P – Sabe que eu não tinha pensado nisto? Acho que você está trazendo uma questão importante, na medida em que o Conselho regularmente a profissão. Eu estava pensando mais em um trabalho com as instâncias internas do Instituto. Mas se você faz esta pergunta é porque que de alguma maneira há importância em trazer isto. Quando você formulou esta questão, o que tinha em mente?

B – Formulei esta questão diante da discussão que vem acontecendo nos conselhos de estudantes de Psicologia, Nacional e Regional de São Paulo. São discussões que estão na pauta destas entidades. E na dificuldade que estas entidades têm encontrado em suscitar estas discussões entre as bases, entre os alunos em geral, e os próprios docentes.

P – O que posso dizer é o seguinte: considero esta discussão importante, sem dúvida nenhuma. E reconheço também que ela está de alguma maneira escanteada, pelo menos no Instituto. Não vejo esta discussão aqui. Por outro lado nós temos técnicos e docentes do Instituto que atualmente pertencem às

diretorias dos conselhos regional e federal. Nós poderíamos sim abrir um espaço institucional para esta discussão. Vocês estão saindo de um encontro estudantes, não é? E certamente isto apareceu. Poderíamos, alunos e professores, principalmente através destes técnicos e docentes do Instituto que estão nas diretorias dos conselhos, promover um debate coletivo.

Abriremos um fórum de debates no Instituto em torno destas questões. Acho que elas podem e devem ser trazidas para dentro da instituição. Vamos nos articular, vamos planejar isto. Vocês que estão mobilizados em relação a isto, e também podemos tentar mobilizar os docentes para esta discussão. Isto nos diz respeito diretamente. Nós formamos profissionais em Psicologia e eles regulamentam a ação profissional. Então é claro que isto deve andar junto, através de um conhecimento mútuo do que se passa. Vamos fazer isto, podemos até chamar conselheiros, os presidentes, diretores do Conselho Federal, do Estadual, para virem dizer das intenções subjacentes ao que estão fazendo. Está havendo, por exemplo, uma grande questão em relação a testes. Não é uma coisa revolucionária, não. Estão tentando impedir o uso de testes que não são padronizados, que são muitos. A gente poderia trazer estas questões todas para dentro do Instituto. Vamos fazer isto.

B – Quería sua opinião sobre alguns temas que pairam sobre nosso Instituto. O primeiro é curso noturno.

P – Esta é uma discussão antiga, não é? Muito antiga. Eu vejo o curso noturno como uma medida que democratiza o acesso dos estudantes aos cursos de Psicologia. Já estamos cansados de saber que um curso de tempo integral, diurno, promove automaticamente uma seleção sócio-econômica. E por que não abrir a possibilidade de estudar Psicologia para aqueles que trabalham durante o dia? Essa é a base óbvia da criação de cursos noturnos. Acho que este é também um dos temas que devemos trazer para estes fóruns. No corpo docente, por exemplo, tenho a impressão (não existe nenhum levantamento a respeito) de que há posições diversas. Há aqueles que são contrários e há aqueles que são favoráveis. Mas acho que o Instituto ainda não trouxe este tema com força para o centro do debate. E um assunto que está sempre, digamos assim, presente, mas fora de foco. E acho que em função do interesse da própria instituição podemos trazer este assunto para o foco do debate. Isto também será feito em função da demanda da instituição, se esta demanda chegar a mim, se os alunos, através de um representante, disserem: “Queremos abrir um debate sobre curso noturno”, e alguns docentes endossarem isto... porque sei que há docentes muito favoráveis e que se empenharam na

criação de curso noturno. Vamos abrir este espaço? Vamos abrir este espaço. Então de novo: não serei eu solitariamente como diretora que proporei a abertura destes fóruns, até porque não acredito que isto funcione. Acho que as discussões e os debates funcionam quando correspondem a um desejo claro da instituição. Eu, pessoalmente, sou favorável.

“Pretendo trabalhar muito próximo dos alunos. Acho que os alunos são um segmento da maior importância”

B – E o novo currículo?

P – Pois é... Esta é outra questão que ficou durante muitos anos na penumbra, fora de foco. Tivemos durante um tempo maior que o desejável, do meu ponto de vista, a permanência do currículo inicial, com uma certa concepção de Psicologia de meados do século XX. Esta estrutura permaneceu, se cristalizou, o que é muito ruim, porque tudo que se cristaliza é muito mais difícil de se desmontar. Houve algumas iniciativas frustradas ao longo dos anos 70 e 80 de reforma curricular. Elas não foram adiante, não eram um interesse genuíno da instituição. Até o momento em que houve a formação daquela comissão, que trabalhou durante mais de um ano, num projeto de reestruturação do currículo de Psicologia. Havia um representante de cada departamento. Trabalhamos arduamente, e trabalhamos com um objetivo, que era de fato ousar uma proposta de uma nova estrutura curricular que não tivesse resquícios da estrutura inaugural, que do nosso ponto de vista já não representava mais a própria área da Psicologia, as novas frentes temáticas, metodológicas e teóricas que foram sendo criadas depois da criação do curso. E o currículo até então vinha crescendo por uma adição cega. Na medida em que professores iam abrindo novas frentes de produção de conhecimento, eles iam as agregando de maneira não planejada ao currículo, de forma que este chegou a um ponto que iria arrebentar. Nós tínhamos cinquenta optativas e cinquenta obrigatórias, éramos a unidade da USP com maior número de obrigatórias. Então ousamos. Propusemos uma estrutura curricular que não tivesse nada a ver com esta estrutura inicial. Ousamos, e acho que eu e o João tivemos uma certa liderança nesta proposta, até porque os outros departamentos não concordavam inteiramente com esta ousadia, e nós acabamos encampando esta atitude. Acho que nós tínhamos em mente o

seguinte: em determinados momentos, entre a mediocridade e a loucura, é melhor optar pela loucura. Estávamos cientes de que era uma proposta extremamente arrojada, e que portanto seria muito polêmica. Mas estávamos tranqüilos porque era uma proposta, não uma imposição. Uma proposta existe para ser aceita ou rejeitada. O grau da nossa ousadia ficou muito claro a partir do momento em que houve uma forte recusa, uma reação de rejeição muito forte da proposta, o que nos deu a impressão de que o Instituto não estava naquele momento preparado, principalmente do ponto de vista do seu corpo docente, para uma revolução curricular. O que era possível era uma reforma curricular. E isto muito em função da própria maneira de como o Instituto está estruturado. Então, e voltando agora para sua primeira pergunta – qual minha visão do atual momento do Instituto de Psicologia – eu disse uma série de coisas positivas, mas acho também que é um momento que pede ainda muitas medidas transformadoras. Uma delas é repensarmos a estrutura de departamentos, que também reflete uma visão de Psicologia que já não corresponde ao que houve de avanço na Psicologia como ciência e profissão. Acho que a atual divisão é anacrônica. E esta avaliação é partilhada por uma boa parcela do corpo docente, que também acha isto. Mas acontece que neste aspecto estamos funcionando por inércia. E isto acaba repercutindo negativamente em outras medidas. Por quê? Porque como estamos cristalizados numa certa divisão departamental, todas as propostas que de alguma maneira superam esta divisão, acabam encontrando resistência. Ou seja, o que estou pondo é até que ponto o corporativismo criado por esta divisão departamental que dura já tanto tempo, não acaba repondo os feudos, que eram as cátedras, e isto emperra um funcionamento mais dinâmico da instituição. A rejeição daquela proposta curricular passou por muitos lugares, mas passou também por uma espécie de heresia que ela cometeu ao propor uma reestruturação dos departamentos. Isto ameaçou muito integrantes dos vários departamentos. E acho que este novo currículo é uma resposta da instituição àquela proposta curricular. E uma resposta em que a instituição repôs aquilo que a proposta anterior queria superar. Repôs e portanto nos diz: (e eu respeito esta nova estrutura curricular no seguinte sentido: ela é o que a instituição pode neste momento da sua história) somente no momento em que se refez o currículo mantendo muito do anterior, e eu acho que é uma reforma, não é uma revolução, não é uma reestruturação, é que ele pode ser institucionalmente aceito.

Vejo dois aspectos positivos na implantação deste novo currículo. Primeiro, que ele está sendo

explicitamente considerado como um processo, como uma experiência que estará sendo constantemente avaliada. E portanto vejo uma atitude bastante flexível dos implicados na implantação deste novo currículo. Segundo, o fato de termos na Comissão de Graduação um colega que eu respeito muito, pela sua seriedade e pelo seu empenho, que é o professor Gerson (Tomanari, do PSE). Acho que é um currículo que certamente terá que passar permanentemente por acertos, no sentido de termos a médio prazo um currículo que reflita melhor o quadro atual da Psicologia e que forme melhor os nossos alunos. E quando eu penso em formação de alunos, e penso em um currículo bom, não estou pensando tanto como meta, a formação pura e simples de bons psicólogos. É isto sim, mas estou pensando principalmente nas pessoas que serão objeto do trabalho destes psicólogos, no sentido de garantir a estas pessoas um atendimento que as beneficie na produção de auto-conhecimento e no atendimento ao sofrimento psíquico. E assim que eu vejo o trabalho de um psicólogo, e não como um trabalho de cão de guarda do sistema que tenta produzir indivíduos normais de acordo com o conceito político de normalidade vigente. Por isso, creio que tem que ser um currículo estruturado de forma a contemplar a formação deste profissional e também de um psicólogo que vai ser formador de profissionais, docente, pesquisador, com o objetivo de produzir conhecimento que informe serviços que não sejam meramente adaptativos das pessoas a uma realidade social inquestionada.

"Ainda há muito o que fazer para que a Universidade de São Paulo seja um nicho de democracia"

B – E o Cursinho?

P – A gente conversou muito nos últimos dias*, até em função daquela decisão da promotória, e você sabe que eu sou totalmente simpática ao Cursinho. Considero-o de utilidade pública. Acho que estes meninos e meninas que o freqüentam não teriam nenhuma possibilidade de fazê-lo se não fosse este tipo de oferta. Vocês cobram uma mensalidade que é infinitamente menor do que os cursinhos particulares. Vocês fazem uma tremenda seleção sócio-econômica. Conheço muitos casos de meninos e meninas pobres que fizeram com sangue, suor e lágrimas supletivos noturnos e depois não tiveram condições de continuar os seus estudos, embora desejassem muito isto. Ou porque não tinham conhecimento suficiente para passar na peneira dos vestibulares mais exigentes ou porque não tinham dinheiro para pagar as faculdades particulares que praticamente não selecionam seus alunos, e onde receberiam diplomas de segunda categoria que não terão nenhum valor no mercado de trabalho. Então sou totalmente favorável, embora

concorde que é dever da Universidade de São Paulo oficializar estes cursinhos, ou seja, integrá-los a estrutura da USP, e não deixá-los à margem. Eles ocupam um lugar clandestino que deve ser extremamente desconfortável para vocês que administram e gerenciam estes cursos. Assim, o caminho da universidade, e do Instituto, é encontrar as formas de dar um estatuto oficial aos cursinhos para que eles continuem desempenhando sua função de utilidade pública. E quem sabe até aprimorar um pouco este modelo atual, obter financiamento maior de modo a aumentar o número de bolsas e até mesmo diminuir as mensalidades. O objetivo é este, diminuir ao máximo as mensalidades, aumentar ao máximo o número de bolsas, tendo como ideal oferecer o curso gratuitamente. Mas para isto é preciso que alguém pague minimamente as contas e as despesas envolvidas no oferecimento deste tipo de serviço. Esta é a questão que a Universidade de São Paulo deve trabalhar com os cursinhos que nela existem.

Nota:

* O entrevistador é também um dos coordenadores do Cursinho da Psico, e tem conversado sobre a situação legal deste com a nova diretora. Esta situação consiste em uma recomendação da reitoria, através de outra do Ministério Público, de cessação de cobrança de mensalidades, alegando a inconstitucionalidade de fazê-lo em universidades públicas.

Notas Diversas

José Israel (01)

DIA NACIONAL DE LUTA ANTIMANICOMIAL: 18 DE MAIO

O Fórum Paulista da Luta Antimanicomial (FPLA) e demais simpatizantes da causa estão se organizando para a realização de eventos diversos no seu Dia Nacional. Um dos eventos, um Ato Público, será realizado no vão livre do MASP (Av. Paulista), a partir das 11h da manhã, com previsão de abranger boa parte da tarde devido à apresentação de trabalhos, individuais ou em grupo, como: dança, música, teatro, performances etc. O intuito do ato é dar visibilidade à cultura antimanicomial, mostrando as práticas em saúde mental substitutivas ao tratamento hospitalocêntrico. A Comissão Organizadora do Ato reúne-se no Sindicato dos Psicólogos, à Rua Arruda Alvim, nº 391. Todos são convidados tanto para a organização do Ato, como para a participação em algum dos trabalhos previstos nele, e, principalmente, para demonstrar seu apoio à causa, comparecendo ao vão do MASP no próximo dia 18 de maio (terça-feira).

Mais informações: jose_israel_01@yahoo.com.br ou fone 3822-0708.

DISSERTAÇÕES E TESES

CANDIDATA: ROSEMAR APARECIDA PROTA DA SILVA
Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA CLÍNICA

Título da Dissertação: "ENURESE NOTURNA: GRUPO DE TERAPIA INFANTIL ASSOCIADO A APARELHO DE ALARME E GRUPO DE ORIENTAÇÃO A PAIS."

COMISSÃO JULGADORA:
Membros Efetivos: Orientadora: Profa. Titular: Edwiges Ferreira de Mattos — PSC-IPUSP. Profa. Sônia Beatriz Meyer PSC-IPUSP. Prof. Roberto Alves Banaco — PUC-SP.

COMUNICADO: Data Defesa Pública: 30 de abril de 2004 às 15:30h
Local: Sala Aurora, no Bloco B.

O ECLIPSE DA RAZÃO (Parte III)

A DEFESA DA RAZÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ricardo Silva (Pós - PST)

De minha parte, penso que se a razão (após os horrores testemunhados pela história humana) precisa mesmo AINDA ser justificada, isso já é um MAU SINAL, que indica bem para onde estão rumando as coisas. Mas como não há remédio, vamos ao tema. Na segunda parte destas reflexões, apontamos brevemente a invasão da psicologia por práticas de caráter místico-científico que repudiam o conhecimento estabelecido em nome de uma "nova racionalidade" que parte de uma prática clínica de inspiração francamente espiritualista. O argumento subjacente às minhas críticas, como já deve ter notado o leitor mais atento, é o de que a Razão, em si, é um valor, o que me leva a repudiar todos esse movimentos de reavivamento religioso no interior de nossa prática profissional.

A crise atual da razão, aponta Max Horkheimer (teórico da "Escola de Frankfurt"), reside exatamente no fato de que a razão, em seu sentido "moderno", adquiriu um caráter formalizado, perdendo com isso sua capacidade de julgar a racionalidade dos fins que os homens colocam a si mesmos como fins desejáveis, fazendo com que conceitos de suma importância para a vida humana – como justiça, igualdade, felicidade – perdessem suas raízes intelectuais, nada mais podendo dizer sobre a plausibilidade dos ideais ou sobre os critérios que norteiam nossas crenças. Nossas mais importantes decisões, sejam elas éticas ou políticas, haveriam de depender de outros fatores, extra-rationais (místico-religiosos, em boa parte), convertendo-se, portanto, em assuntos de predileção (i.e, em mera opinião).

Eis o problema: a humanidade

precisa da razão objetiva (interessada na racionalidade dos fins), porque a razão subjetiva (formalizada) não basta, mas a razão objetiva, por sua vez, perdeu totalmente seu fundamento, deixando de ancorar-se no pensamento. Para ela, a distinção entre justo e injusto não pode apoiar-se em critérios racionais (no sentido positivista do termo), mas somente na força da mera opinião (justiça e injustiça seriam conceitos relativos), a que foram relegadas as considerações morais. Por isso existe hoje, afirma Horkheimer, "uma tendência geral para reviver as teorias da razão objetiva do passado, a fim de dar algum fundamento filosófico à hierarquia dos valores geralmente aceita e que rapidamente se desintegra". Ora, e são exatamente essas práticas pseudo-religiosas ou semicientíficas, como a astrologia e as amostras baratas das filosofias do passado (como o misticismo), **que atualmente enformam nossa prática clínica,** além das adaptações das filosofias clássicas objetivistas (das quais a religiosidade oriental é um exemplo) que vieram preencher o vácuo deixado pela crise da razão. Deste modo, se o conhecimento e a razão não são mais capazes de julgar a validade de uma afirmação ou a racionalidade em si de determinada ação, buscam-se fundamentos para além da razão e fora do pensamento. Decorre daí, fatalmente, uma perniciosa supervalorização do sentimento, em detrimento do conhecimento, e que culminará na valorização da "intuição" (e da fé).

A pergunta que poderia ser feita por quem acompanhasse a argumentação até aqui, mas não aceitasse a premissa da razão como um bem a ser alcançado, seria a seguinte: "Qual o

problema, enfim, de as pessoas serem irracionais?". Quando assim formulada, a questão parece levantar o problema da "tolerância" e da "alteridade", tão discutida nos cursos de psicologia. Deveríamos, simplesmente, admitir a existência de crenças improváveis como uma característica do ser humano e tolerá-las. Tolerar a prática profissional, a escolha profissional de nossos colegas. Uma crítica à irracionalidade atrai a acusação de intolerância a um modo "extra-rationais", "irracional" ou "supra-rationais" de apreensão do mundo, tão válido quanto qualquer outro.

Que me acusem de intolerância, dogmatismo, ou de rejeitar o imaculado dogma do relativismo, mas existem proposições com GRAUS VARIADOS DE VERDADE, i.e, existem concepções de mundo MAIS ou MENOS verdadeiras, bem como as TOTALMENTE FALSAS. Ninguém duvida, por exemplo, que a verdade nazista da superioridade da raça ariana seja totalmente falsa e que tenha apontado para a irracionalidade da ideologia do III Reich. Objetar-se-á, então, tratar-se de coisas diferentes, de um "exemplo extremo". Ledo engano: irracionalidade é irracionalidade, e exatamente por não respeitar regras de pensamento, é impossível saber quando uma "inocente prática irracional" pode culminar em uma nova recaída em um estado de violência desmedida. A idéia da superioridade das raças, no início, não passava de uma "ingênua" crença mística, mas sabemos bem como tudo isso terminou. Cabe a nós zelar para que a história não se repita.

E-mail:
psicologia.usp@bol.com.br

Seminário: PENSAMENTO CRUEL

Enviado por José Israel (01)

O Instituto de Psicologia - USP e o Colégio de São Paulo, Biblioteca Mário de Andrade, convidam para o **Seminário PENSAMENTO CRUEL, Humanidades e Ciências Humanas: há lugar para a Psicologia?**

Programação:

27 de abril: Ciências Humanas e neutralidade política: meta ou mito?

Conferencista: Edson Passetti (PUC-SP). Comentadora: Maria Helena Souza Patto (IP-USP). Coordenador: João A. Frayze-Pereira (IP-USP)

28 de abril: O lugar da cultura na formação do indivíduo: ideologia e crítica

Conferencista: Afrânio Mendes Catani (FE-USP). Comentador: José Moura Gonçalves Filho (IP-USP). Coordenadora: Jaqueline Kalmus (IP-USP)

29 de abril: A questão do sujeito: interrogações da Sociologia

Conferencista: Maria Célia Paoli (FFLCH-USP). Comentadora: Ecléa Bosi (IP-USP). Coordenadora: Maria Helena Souza Patto (IP-USP)

04 de maio: História e Psicologia: dissidências e correspondências

Conferencista: Francisco Foot Hardman (UNICAMP).

Comentadora: Sylvia Leser de Mello (IP-USP). Coordenador: Arley Andriolo (IP-USP)

05 de maio: Indivíduo e Cultura: a radicalidade da Psicanálise

Conferencista: Renato Mezan (PUC-SP). Comentadora: Maria Cristina M. Kupfer (IP-USP).

Coordenadora: Jaqueline Kalmus (IP-USP)

06 de maio: A Psicologia entre a literatura e as artes: a questão do pensamento sensível

Conferencista: Alfredo Bosi (FFLCH-USP). Comentador: João A. Frayze-Pereira (IP-USP).

Coordenador: Arley Andriolo (IP-USP)

Horário: 19:30 às 21:30 horas.
Local: Biblioteca Mário de Andrade. R. da Consolação, 94 – Auditório (1º andar).

Informações: Tel.: 3241-3459

E-mail:
colegiodesp@prefeitura.sp.gov.br
Site: www.prefeitura.sp.gov.br/mariodeandrade

Inscrições gratuitas, das 10:00 às 17:00 horas.

Com. organizadora: Prof^a. Maria Helena Patto, Prof. João Frayze, Jaqueline e Arley.

BOCA

COMISSÃO ORGANIZADORA

Fernanda Silva Gonçalves (03), Guilherme Gibran Pogibin (98), Jonas Boni (02), José Israel Guedes Rodrigues (01), Paulo Szyszko Pita (03), Patrícia Ferreira Rabaça (03), Roberto Lustosa de Andrade (02) e Tânia Lisboa Machado (03)

Diagramação: Paulo Szyszko Pita (03)

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no boca@yahoogrupos.com.br até às 12h do domingo, observando-se a ordem de seu recebimento, o formato MS-Word.doc e o limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

A C. O. do BOCA reúne-se toda terça-feira às 13h à sombra do Ipê em frente da Biblioteca do IP.
PARTICIPE!!!

ACONTECEU NO BLOCO F

Bossi (Funcionário do Bloco F) Texto dig. e enviado por José Israel (01)

No jardim da entrada principal do Bloco F, existiam quatro valas para a descarga de raios dos pára-raios (buracos de 40cm x 60cm), sem tampas. As pessoas que passavam à noite por esse local não enxergavam as valas e acabavam se machucando. Após algumas reclamações, foi feita uma ordem-de-serviço para colocar tampas nas valas.

No dia 2 de abril último, às 9h da manhã, chegaram ao jardim os

funcionários dos Serviços Gerais, Carlão e Corrente, com tampas e ferramentas para fazer o trabalho. Fecharam três valas e pararam na quarta, apreensivos, pois nela havia um sapo, e eles não o queriam trancar lá dentro, mas, também, ninguém se animava a tirá-lo dali. Entraram num discussão interminável, enquanto mais e mais pessoas iam se colocando em volta deles, todo mundo a opinar, mas o bicho permanecia no lugar. Até que

apareceu a técnica de laboratório e bióloga Gisele, a Gigi, do PSE, que, sem opinar nada, simplesmente e com as mãos, pegou calmamente o sapo e o soltou na Praça do Relógio.

Todos os populares que ali estavam ficaram impressionados com a tranqüilidade da moça. O comentário foi geral. Por fim, os funcionários terminaram o serviço e todos se foram, felizes para sempre.

Enviado por Cláudia F. Rodriguez (Pós)

O Laboratório de Estudos sobre a Morte convida para a Mesa Redonda:

Eutanásia é uma questão legal? Dilemas Éticos

Debatedores

Arnaldo Hossepian Junior
Promotor de Justiça do
Ministério Público de São
Paulo

Prof. de Direito Penal da
Faap e da Escola Superior de
Advocacia OAB/SP

João Batistiole

Mestre em Filosofia

Prof. do Depto. de Teologia
e Ciências da Religião – PUC-
SP

Maurício Seckler

Médico Assistente da
Divisão da Clínica Médica do
Hospital Universitário da
USP

Coordenação

Ingrid Esslinger

Doutora pelo programa
de Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano -
IPUSP

Data: 28 de abril de 2004

Horário: 19h30 às 22h00

Local: Instituto de
Psicologia - Av. Prof. Mello
Moraes, 1721, Bloco B Sala 20
Cidade Universitária
Entrada franca

**ÉPOCA DE
TRANCAMENTO
PARCIAL REFERENTE
AO 1º SEMESTRE DE
2004**

29/04, 03 E 04/05/2004

(TRANCAMENTO EM
DISCIPLINAS)

DAS 09:00 ÀS 11H
E DAS 13:30 ÀS 17:00H
SERVIÇO DE ALUNOS
GRADUAÇÃO

A psicologia clínica e a situação de subsistência no Brasil – coisas que todo mundo já sabe, só pra lembrar.

Patrícia Rabaça (03)

Ao definir psicologia como “Uma ciência que fala do homem a partir de seu mundo interno, sua subjetividade, que é fonte de manifestações do indivíduo, suas ações, seus sonhos, seus desejos, suas emoções, seu consciente e seu inconsciente.” (BOCK, Ana M., FURTADO Adair, TEIXEIRA Maria de Lourdes / 1996 – Psicologias, São Paulo, editora Saraiva), a princípio maravilhosos não nos parecerá sensato mal dizer tal saber. Porém, saindo de uma amplitude abstrata do termo e direcionando nossos olhares para a atuação profissional mais comum, dos que escolheram conhecer o homem quase que em sua essência, digo, a psicologia clínica, aí sim, será quase impossível não questionar a importância dessa ciência.

Num país quase que formado por analfabetos, por “severinos desnutridos”, me parece cômico falar sobre a atuação profissional do psicólogo. Muito mais voltada ao lazer burguês que ao bem-estar social, essa psicologia de “um milhão de reais” nada tem a oferecer ao cidadão comum, aquele que leva uma vida de subsistência, e que é o retrato do brasileiro atual.

Esse homem brasileiro não tem tempo para “complexo de sei-lá o que”, não trocaria o feijão pelo divã e nem sabe do que se trata essa tal psicologia.

Uma ciência tão virtuosa, tão profunda em suas potencialidades, com certeza poderia interagir muito mais. É frustrante concluir a inutilidade, a elitização e exclusão que a psicologia, em sua maioria, se submete nos dias atuais.

Joãozinho coloca o dedo na ferida

Joãozinho Sem Turma (??), digitado e enviado por Batata (99) e Rubens (01)

Certo dia, Joãozinho estava com uma doença aparentemente infecciosa. Joãozinho sofria muito, a dor se espalhava em seu corpo por dentro. Mas o pior não era a dor, mas o fato de ninguém perceber o seu sofrimento. Isso foi numa tarde de segunda-feira.

Terça-feira é um dia que mais estudantes passam a circular os corredores da Psicologia. Aleluia!! Alguém percebeu a face distorcida de Joãozinho. De repente, o nosso amigo desmaiou. Ao rasgar a camisa grená de Joãozinho, para facilitar sua respiração, seus colegas visualizaram um enorme ferimento, ainda sangrando, que seus colegas ficaram na dúvida se a camisa era mesmo grená, ou se era tingido de sangue.

Todos queriam ajudar, todos tinham pena de Joãozinho. Mas ninguém queria encostar em Joãozinho. Uns com medo, outros com nojo. Tinha quem não se achasse preparado para ajudar. Além disso, quem iria querer se

responsabilizar?

Os futuros psicólogos estavam angustiados

Decidiram ir para a Medicina atrás de ajuda, enquanto Joãozinho permanecia imóvel. Não foi fácil, os alunos de lá estavam insensíveis, precisavam estudar. Não tinham tempo. Uma ambulância então. Ninguém sabia como acionar o pronto-socorro. Foram atrás da diretora, mas não havia como, chegando assim, de repente, sem marcar a consulta. Não, a ambulância estava proibida de sair nessas condições. Desistiram de tentar dessa forma. Longe dos transites, recorreram a um politécnico que elaborou uma solução: iriam capturá-lo e levá-lo em um carro para receber os devidos cuidados. Joãozinho não ficou sabendo disso tudo...

Moral da história: um monte de psicólogos sempre quer ajudar, mas às vezes, quem resolve o problema é um politécnico...

Lembranças da lara

CAII

Saúde Pública e Psicologia

Vamos começar a discutir como esses temas se relacionam. Nessa sexta-feira, dia 23 às 16:00. Com presença de representantes da Secretaria Estadual de Saúde, Secretaria Municipal de Saúde e do sindicato dos Psicólogos

SARAU

Para quem já não agüentava de saúde, para quem ainda não conhece, o tradicional sarau da Psico em mais uma edição. Traga pinturas, gravuras, esculturas, instrumentos musicais, cenas de teatro, performances e afins. Dia 23 às 19 horas, depois da palestra sobre saúde

CONEPSI

Aconteceu, de quinta a domingo do feriado o encontro de CAs de Psicologia do Brasil com presença de representantes do Paraná, de Minas, do Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Goiás, Sergipe, Ceará. Foi discutido, entre outros temas, o Encontro Nacional de Estudantes, que deve ocorrer em Outubro em Vitória e prevê mais de duas mil pessoas

Teatro

Uma oficina de dois meses será realizada na Psico de quarta-feira, das 17:30 às 20:30. As aulas são abertas mas terão uma continuidade, então será colocada uma lista na Val para que as pessoas interessadas se inscrevam. A oficina começa no dia 28

Troca-Troca

Já imaginou que a pessoa que senta ao seu lado pode ser professora de dança ou diretora de cinema?

Começou um projeto de troca de experiências com uma vivência de consciência pelo movimento de Feldenkrais, com o Hans, na sexta passada. São todos convidados a participar e propor seus temas

Movimento Estudantil

Um estudioso do movimento estudantil dará um curso de formação para pessoas interessadas em dia e horário a confirmar

Avaliação das disciplinas

O CA e o grupo de RDs da Psico está preparando um questionário que será aplicado nos dois primeiros anos ainda nesse semestre. Essa avaliação não se pretende punitiva, mas construtiva de uma forma de diálogo e melhoria das aulas oferecidas no nosso curso e um diagnóstico do novo currículo

Cursinho

Nosso cursinho comunitário recebeu uma ordem judicial para que parasse de cobrar as mensalidades que são usadas, por exemplo, para o pagamento dos professores, senão será despejado em trinta dias. Isso ocorre ao mesmo tempo em que cursos pagos, como de línguas e de diversos laboratórios do Instituto estão cada vez mais disseminados

5º Coned: Educação pública, gratuita e de qualidade é direito de todos e dever do Estado. Educação não é mercadoria. Este é o tema do 5º Coned - Congresso Nacional de Educação, a ser realizado em Recife/PE, no período de 2 a 5 de maio. Segundo a comissão de sistematização e redação, o 5º Coned terá um caráter mobilizador, organizativo, avaliativo e propositivo. Sua principal finalidade será a de avaliar as políticas implementadas no País, tanto no âmbito federal como no âmbito dos estados e municípios, tendo como principais referências a Constituição de 1988, as Constituições Estaduais e o Plano Nacional de Educação: Proposta da Sociedade Brasileira.

O CAII está tentando conseguir verbas para as pessoas interessadas, para isso precisamos saber quem realmente pretende ir para o Coned. Os pretendentes devem enviar até sexta o nome, rg e número USP para: CAII@yahoo.com

Carta à mão enviada ao CAII junto ao convite para a cerimônia de posse da nossa diretora, Prof. Maria Helena Souza Patto. A cerimônia será realizada dia 20 de Abril (Terça-Feira), às 17 horas na Sala do Conselho Universitário, no Prédio da Reitoria.



Centro Acadêmico Lara Lavelberg apresenta:

Debate: Saúde e Psicologia

Saúde hoje no Brasil e possíveis contribuições práticas e teóricas da Psicologia e da Universidade

Virgínia Junqueira:

Médica da Secretaria Estadual de Saúde
Princípios e limitações do Sistema de Saúde

Ianni Scarcelli:

Psicóloga da Secretaria Municipal de Saúde
Formação e reflexão em Saúde: A Universidade e a atenção em saúde que queremos

Elizabeth Arouca:

Psicóloga do Sindicato dos Psicólogos
Inserção da Psicologia no trabalho em saúde, interdisciplinaridade e a psicologia possível

Instituto de Psicologia da USP — Sexta-feira, 23 de Abril, às 16 horas — Sala 21, Bloco B